

AS ENSINAGENS NEGRAS DE



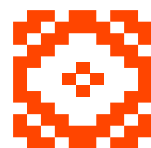
ALME CESAIRE

MAIO, JUNHO E JULHO 2023



APROXIMAR-SE, (RE)CONHECER E VALORIZAR

SESC SÃO PAULO



Cultura se refere à ação humana material e intelectual realizada em seu meio de existência – devemos falar, portanto, em culturas! – abrange ideias, valores, hábitos, práticas e comportamentos, além de criações e inter-relações de significados simbólicos e imaginativos. Do ponto de vista antropológico engloba os modos de ser pensar, agir, e produzir de pessoas e grupos sociais; já a abordagem sociológica enfatiza a cultura como direito de todas as pessoas. A Declaração dos Direitos Humanos (ONU, 1948) em seu artigo 27 afirma que “todos têm o direito a livremente participar da vida cultural em comunidade”.

O monopólio do pensamento branco, eurocêntrico, cristão e patriarcal, que prevaleceu ao longo de séculos em nome de um suposto propósito civilizatório, gerou distorções e privilégios. Trata-se, sobretudo, de um sistemático processo de destruição e apagamento dos saberes e fazeres de povos originários e afro-diaspóricos ao redor do planeta. Tais circunstâncias (recorrentes) lançaram as bases para os mecanismos de exploração, segregação e submissão que se instalaram em vários países, incluindo o Brasil. Aos não-brancos restou a opção da assimilação ou da tentativa de resistir por meio da (re)descoberta e preservação das ancestralidades. Nessa perspectiva, é recomendável conhecer e revisar trajetórias pessoais e percursos

históricos que foram invisibilizados nas narrativas impostas oficialmente. Trazer à tona outras referências e pontos de vista pode contribuir para reconexões, pontes e diálogos no sentido de impulsionar uma refundação do pensamento, respeitando a diversidade existente. O projeto **As ensinagens negras de Aimé Césaire** se insere nesse contexto. Reúne, a partir das produções desse teórico e poeta caribenho, uma série de atividades com profissionais do campo da cultura e da educação que buscam refletir e inspirar encontros sobre temas que seguem atravessando as discussões no Brasil, como colonialismo, revolução haitiana, negritude, decolonização, entre outros.

O Sesc, em consonância com os valores da responsabilidade social, abre espaços para debater publicamente questões pungentes da contemporaneidade, estimulando o juízo crítico acerca de padrões persistentes e acolhendo propostas de ampliação da participação cidadã nas diferentes esferas da sociedade. Oferecer oportunidades de aproximação, conhecimento e valorização do legado de figuras que ajudaram a estruturar as matrizes do pensamento decolonial e antirracista é manter em movimento os dispositivos que poderão permitir uma convivência mais saudável e transformadora para todas as pessoas.



APROXIMAR-SE, (RE) CONHECER E VALORIZAR

2

O CAMINHO DE UM HOMEM EM DIÁSPORA: AIME CÉSAIRE E SUA "NEGRITUDE"

6

EM BUSCA DE UM FUTURO MELHOR, CHEGA EM PARIS

09

DE FRANCÊS NAS ANTILHAS, À AFRICANO EM DIÁSPORA:
DESCOBRINDO A NEGRITUDE

10

O NASCIMENTO DE UM CONCEITO: A NEGRITUDE DE CÉSAIRE

11

A POÉTICA DA POLÍTICA NA VIDA DE UM INTELLECTUAL CARIBENHO:
ESPERANÇA E REVOLTA

12

A POLÍTICA EM SUA POESIA

13

AFINAL, O QUE É A NEGRITUDE?

18

PROGRAMAÇÃO

20

O CAMINHO DE UM HOMEM EM DIÁSPORA: AIME CÉSaire E SUA "NEGRITUDE"

ELIANE DE SOUZA ALMEIDA



Aimé Césaire, nascido Aimé-Fernand-David Césaire, em 26 de Junho de 1913, em Basse-Point, Martinica, foi poeta surrealista, dramaturgo e político. Junto com seus parceiros Léopold Sédar Senghor (Senegal) e Léon-Gontran Damas (Guiana Francesa) criaram a Negritude, importante movimento que buscava restaurar a identidade cultural de africanos negros e em sua diáspora. O movimento passou a ser conhecido em 1933, e seu pensamento vislumbrado com a publicação do jornal *L'Étudiant Noir* (O Estudante Negro), criada pela Associação dos Estudantes Martiniquenses na França e impressa pela primeira vez em 1935.

Em seu primeiro texto intitulado *Juventude Negra e Assimilação*, Aimé Césaire aponta para o incômodo que estimula esses jovens estudantes a discutir as práticas

racistas dentro da sociedade francesa: a luta contra o assimilacionismo e a existência de uma natureza negra. “Se a assimilação não é loucura, é certamente loucura, porque querer ser assimilado é esquecer que ninguém pode mudar a fauna; é ignorar a “alteridade” que é a lei da Natureza”, diz Césaire.

O objetivo do jornal, segundo Léon-Gontran Damas, era ser uma publicação de combate que poria fim ao que ele chamava de tribalização, ou seja, um processo de marginalização dos estudantes negros e caribenhos dentro da Sorbonne, universidade em que eram todos alunos. “Deixamos de ser estudantes da Martinica, Guadalupe, Guiana, Africana e Malgaxe, para sermos um e o mesmo estudante negro”.

L'Étudiant noir

Journal de l'Association des Étudiants
Martiniquais en France

Administration et Rédaction :
55, Boulevard Jourdan — Paris-14

ABONNEMENTS : FRANCE et COLONIES 12 fr.
/ ÉTRANGER 15 fr.

SOMMAIRE

I. — Questions Corporatives

LA QUESTION DES SOURSES. p. 1.
par A. MAUCEE

COMMUNIQUE.

Puisse-t-on nous entendre !...
par A. CHARPENTIER

VQU :

Est-ce bien l'homme qu'il nous faut ?
par R. SAUPHANOR.

A PROPOS DE L'ASSOCIATION,
par C. MIDAS.

Réflexions sur une réunion d'Étudiants
Martiniquais.

II. — Les Idées et les Lettres

NEGRERIES.

Jeunesse noire et assimilation.
par A. CESAIRE

L'HUMANISME ET NOUS : R. Maron
par L. SEDAR SENCHOR.

Langage et Musique chez les Nègres
du Congo. par H. EBOUE.

GUIGNOU OUOLOF.
par PAULETTE NARDAL.

Littérature antillaise. Un livre sur la
Martinique. par L. SAINVILLE

MULATRES... POUR LE BIEN ET LE
MAL. par C. GRATIANT.

III. — Avez-vous lu ceci ?

Simplex questions à « Je Suis Partout ».
par L. SAINVILLE.

SPORTS. par C. BRANCHI.

Satisfier.

EM BUSCA DE UM FUTURO MELHOR, CESAIRE CHEGA EM PARIS

Aimé Césaire desembarcou na Paris de 1931, aos 18 anos para estudar, inicialmente, no Liceu Louis-le-Grand. Filho de uma família modesta e um dos sete filhos de Fernand Elphègene Césaire, que foi educado para ser professor, mas tornou-se gerente de uma usina de açúcar, e Eléonore Césaire, uma costureira. A família de Césaire era muito pobre e investiu em educação de qualidade a todos os filhos por acreditar que somente a educação poderia garantir uma vida melhor.

Vários irmãos de Césaire completaram os estudos universitários e, quando seus pais perceberam o grande talento intelectual de Aimé Césaire, resolveram se mudar de Bass-Point para Fort-de-France, capital da Martinica. Césaire estuda no Liceu Schoelcher e tem resultados excelentes o que lhe garante uma bolsa de estudos para estudar em Paris, França. A experiência no Liceu colocaria em sua vida o amigo Léon Damas, que nascido na Guiana Francesa, foi seu colega de turma na Martinica e seria, a seu lado em Paris, um dos criadores do movimento Negritude.

DE FRANCÊS NAS ANTILHAS A AFRICANO EM DIASPORA: DESCOBRINDO A NEGRITUDE

Sua chegada à Paris o colocou em contato com Léopold Sédar Senghor logo de partida. Césaire conta que foi Senghor quem o recebeu no Liceu Louis-le-Grand para a formalização de sua matrícula. Como bolsista, necessitaria realizar estágios e foi encaminhado a um estagiário que passou a ser sua grande referência naquele espaço ainda desconhecido.

“Vejo o corredor onde estava a secretária. Vejo um pequeno negro, um estudante, de bata cinzenta. Em sua cintura, um cinto. Segurava um cordão e na extremidade do cordão, um tinteiro vazio. Este era o grande tinteiro dos estagiários. Ele vem conversar comigo: _Mas de onde é você, calouro? Eu digo: _Venho da Martinica. _Qual é o seu nome? _Aimé Césaire, e você? _Léopold Sédar Senghor, eu sou do Senegal. Ele abre os seus braços e me abraça. Então ele decreta: _Bem, novato, serás o meu estagiário. E é assim que tem sido toda a minha vida”¹, conta Césaire.

Da relação com Senghor, deu-se a possibilidade de conhecer o pensamento africano. Com um oceano de separação, Martinica e Senegal partilhavam do mesmo estigma do ser negro numa visão eurocentrada e que desqualificava todas as suas humanidades. Senghor apresenta a Césaire a África, até então, desconhecida. Césaire se alimentou dessa África trazida por Senghor como uma reconexão com sua história, suas raízes, suas civilizações. É a partir das informações trazidas por Senghor que Césaire constrói uma nova identidade negra.

Apesar de toda admiração e de Senghor ter sido farol na caminhada de Césaire, a amizade foi diversas vezes posta em cheque pelas diferenças de pensamento. Leituras, discussões, ideias, ideais e mais brigas eram frequentes entre os dois. Mas a admiração e respeito mútuos garantiam sempre o retorno da amizade fraterna.

¹ “Mais d’où viens-tu, bizuth?” Je dis: “Je viens de la Martinique – Comment t’appelles tu? – Aimé Césaire, et toi? – Léopold Sédar Senghor, je suis du Sénégal.” Il ouvre ses bras et m’embrasse. Il me dit: “Eh bien, bizuth, tu seras mon bizut.” Et toute la vie, ça a été comme ça. ». Tradução livre de Eliane Almeida.

O NASCIMENTO DE UM CONCEITO: A NEGRITUDE DE CESAIRE

Césaire após passar período no Liceu Louis-le Grand, estuda na École Normale Supérieure, e, em 1936, acessa à Sorbonne onde estuda Literaturas Latina, Grega e Francesa. Inicia, nesse mesmo ano, a escrita de seu mais famoso poema *Le cahier d'un retour au pays natal* (Diário de um retorno ao país natal), publicado somente em 1939. É nesse poema que a palavra **Négritude** aparece pela primeira vez.

Em 1937, Aimé Césaire se casa com sua conterrânea, a estudante de literatura Susanne Roussi, com quem tem seis filhos, quatro meninos e duas meninas. Em 1939, Césaire e Susanne voltam à Martinica e ele inicia seu trabalho como professor na escola que o formou: o Liceu Schoelcher. Entre seus alunos estiveram Franz Fanon e Édouard Glissant que vieram a se tornar grandes referências no pensamento pós-colonial.

Em 1944, Aimé e Susanne Césaire fundam o jornal *Tropiques* com foco em literatura e poesia, deixando um pouco de lado os assuntos relacionados à política. A aproximação de Aimé Césaire com o poeta surrealista André Breton, foi importante na construção de um discurso que utilizava o surrealismo para criar metáforas onde se pudesse falar, a partir da poesia, sobre os assuntos que faziam parte de suas preocupações. Breton, durante a II Guerra Mundial, passou algum tempo na Martinica com o poeta antilhano a quem comparou com Vitor Hugo. Por influência de Breton, Césaire nunca se afastou da poesia e era a partir dela que construía seu olhar sobre o mundo e seus discursos.

Com o fim da grande guerra, Césaire passa a dividir seu tempo entre Paris e Martinica. Ainda com o foco em sua escrita poética, Césaire escreve seus poemas/manifestos em francês, o que o incomoda pois sabe que está reproduzindo a língua do colonizador. Mas, sentindo-se incapaz de usar o crioulo para sua escrita, escolhe ter como temas centrais de suas obras a escravidão, a liberdade e o paraíso.

A POÉTICA DA POLÍTICA NA VIDA DE UM INTELECTUAL CARIBENHO: ESPERANÇA E REVOLTA

Em 1950, se filia ao Partido Comunista Francês e passa a escrever de maneira mais acessível. Mas, em 1956, percebendo que o Partido Comunista não abarcava as pautas das lutas raciais, Césaire deixa o Partido. Isso aconteceu em seguida de sua participação no Primeiro Congresso Internacional de Artistas e Escritores Negros realizado na Sorbonne.

Em trecho de carta enviada ao Secretário Geral do Partido Comunista Francês, Maurice Thorez, Césaire diz: “Está claro que nossa luta – a luta dos colonizados contra o colonialismo, a luta das pessoas de cor contra o racismo – é mais complexa, ou melhor ainda, é de natureza completamente diferente da luta dos trabalhadores franceses contra o capitalismo francês, e isso não pode de nenhuma maneira ser considerado uma parte, um fragmento, da luta”².

Em 1955, Césaire descortina toda sua crítica à Europa e ao racismo colonial na obra **Discurso sobre o Colonialismo** muito influenciado pelo trabalho *Pele Negra, Máscaras Brancas* de seu ex-aluno Franz Fanon. É quase palpável, a revolta de Aimé Césaire, nas linhas dessa obra.

Uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento suscita, é uma civilização decadente. Uma civilização que prefere fechar os olhos aos seus problemas cruciais, é uma civilização enferma. Uma civilização que trapaceia com os seus princípios, é uma civilização moribunda.

A verdade é que a civilização dita "europeia", a civilização "ocidental", tal como a modelaram dois séculos de regime burguês, é incapaz de resolver os dois problemas maiores a que sua existência deu origem: o problema do proletariado e o problema colonial; que essa Europa acusada no tribunal da "razão" como ao tribunal da "consciência", se vê impotente para se justificar; e se refugia, cada vez mais, numa hipocrisia tanto mais odiosa quanto menos susceptível de ludibriar. A Europa é indefensável. (CÉSAIRE, 1978, p. 13)

Césaire traça paralelos das relações entre o colonizador e o colonizado comparando a relação dos nazistas e suas vítimas. Portanto, para ele, o racismo colonial tem sobre o corpo negro em África ou nos países da diáspora africana, uma dinâmica de total igualdade de resultados: o extermínio.

² Tradução livre do inglês feito por Eliane Almeida a partir de trecho traduzido do francês por Chike Jeffers, *Social Text* 103, Vol. 28, no. 2, Summer 2010.

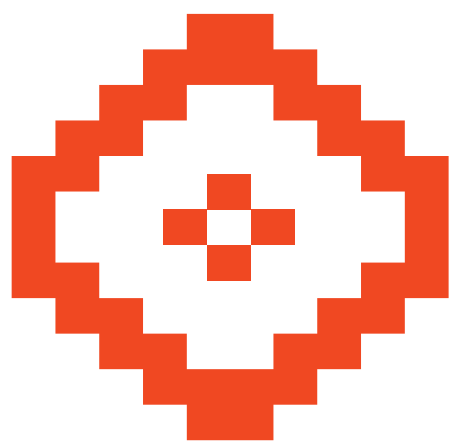
A POLÍTICA EM SUA POESIA

Em 1956, Aimé Césaire transita da poesia para o teatro. Os dramas raciais permanecem centrais em suas obras. Inicia, então, a produção de uma trilogia que começa com a *Tragédia do Rei Christophe* e que está ambientada no início do século XIX, no reino do Haiti, depois da independência. Uma estação no Congo (1966) é a segunda parte da trilogia e trata do assassinato de Patrick Lumumba, grande liderança. Na peça, Lumumba é o responsável pelo chamamento de seus compatriotas à consciência de sua africanidade, mas falha na unificação de seu país. A terceira peça da trilogia é **A Tempestade** (1968). Baseada no texto original de Shakespeare, Césaire reescreve a peça Próspero como um branco colonizador em decadência, Caliban como um homem negro que respeita sua herança africana e ancestralidade e que busca a liberdade e falha.

Em 1993, Césaire sai da vida política e permanece um fervoroso anticolonialista. Negou, em 2005, um encontro com o então Ministro do Interior da França, Nicolas Sarkozy, depois que o governo francês aprovou uma lei que exigia que os professores de história passassem a ensinar nas escolas o lado positivo do colonialismo francês.

Aimé Césaire morre em 17 de abril de 2008, aos 94 anos, em sua terra natal, Martinica.

AS 聖 ENG



NEGR

AIME 聖

SINAGENS

AS,  DE

CESAIRE

(...)

MINHA NEGRITUDE
NÃO É UMA PEDRA,
SURDEZ ARREMESSADA
CONTRA O CLAMOR
DO DIA

MINHA NEGRITUDE
NÃO É UM CHARCO
DE ÁGUA MORTA
SOBRE O OLHO MORTO
DA TERRA

MINHA NEGRITUDE
NÃO É UMA TORRE
NEM UMA CATEDRAL
PERFURA A CARNE
VERMELHA DO SOLO

PERFURA A CARNE
ARDENTE DO CEU
PERFURA A OPRESSÃO
OPACA DA SUA
PACIÊNCIA ESTREITA.

(...)³

3 Tradução livre do inglês feito por Eliane Almeida a partir de trecho traduzido do francês por Chike Jeffers, Social Text 103, Vol. 28, no. 2, Summer 2010.

AFINAL, O QUE É A NEGRITUDE?

KABENGUELE MUNANGA



Acredito que as pessoas que leram meu livro **Negritude: usos e sentidos**, cuja primeira edição foi publicada pela Editora Ática em 1986, e a quarta edição pela Autêntica Editora em 2019, não me fariam a questão de saber o que é a negritude. Com efeito, o conceito de negritude foi cunhado na década de trinta do século passado, pelos intelectuais negros africanos e antilhanos que estavam estudando na Universidade francesa em plena colonização da África Subsaariana. Naquele contexto colonial, a história, a cultura e a identidade africanas eram negadas para justificar e legitimar a Missão Civilizadora. A saída dos africanos estaria, segundo os próprios colonizadores, na assimilação dos valores culturais ocidentais e na rejeição da ancestralidade, história, cultura e identidade africanas.

Os jovens intelectuais negros que estudavam em Sorbonne acreditaram que sua verdadeira salvação resultaria desse processo de assimilação dos valores civilizatórios do branco. Infelizmente, seu esforço para tornar-se branco não obteve o sucesso que eles esperavam. Vestidos a europeia, de terno, óculos, relógio e caneta no bolso do paletó, fazendo um esforço enorme para pronunciar adequadamente as línguas metropolitanas, eles não deixavam de ser macaquinhos imitando o Homem. Frantz Fanon, no seu bestseller “Pele negra máscaras brancas” expressa claramente as consequências desse processo que levou à alienação total desses jovens. Mas não demoraram para se darem conta de que sua verdadeira salvação não viria da busca da assimilação dos valores ocidentais através do uso das máscaras brancas que escondiam seus rostos negros, mas sim pela aceitação de seu corpo, sua história, sua cultura e sua identidade negados pelo colonizador branco.

Para Aimé Césaire, a negritude é o simples reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação do seu destino, de sua história, de sua cultura. Mais tarde, Césaire irá defini-la em três palavras: identidade, fidelidade, solidariedade. A identidade consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição do negro, em dizer com cabeça erguida: sou negro. A palavra foi despojada de tudo o que carregava no passado, como desprezo, transformando esse último numa fonte de orgulho para o negro. A fidelidade repousa numa ligação com a terra-mãe, cuja herança deve, custe o que custar, demandar prioridade. A solidariedade é o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajuda-los e a preservar nossa identidade comum. Césaire rejeita todas as máscaras brancas que o negro usava e faziam dele uma personalidade emprestada.

Senghor entende a identidade própria como um conjunto de valores culturais do mundo negro, exprimidos na vida, nas instituições, nas obras. É a proclamação-celebração sobre todos os tons da identidade, da personalidade coletiva, visando o retorno às raízes do negro como condição de um futuro diferente da redução do presente. A negritude aparece aqui como uma operação de desintoxicação semântica e de constituição de um novo lugar de inteligibilidade da relação consigo, com os outros e com o mundo.

É importante frisar que a negritude, embora tivesse sua origem na cor da pele negra não é essencialmente de ordem biológica. Em outros termos, a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros, ou entre negros e amarelos. A negritude e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome do negro. A negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes, apesar das semelhanças que constituem a africanidade.

Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é como parece indicar o termo negritude a cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história da humanidade vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas. Lembremos que, nos primórdios da colonização, a África negra foi considerada como um deserto cultural e seus habitantes como o elo entre o ser humano e o macaco.

A negritude tornou-se uma convocação permanente de todos os herdeiros dessa condição para que se engajem no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas. Visto deste ângulo para as mulheres e os homens descendentes de africanos/as no Brasil e em outros países do mundo cuja plena valorização e aceitação de sua herança africana faz parte do processo de resgate de sua identidade coletiva, a negritude faz parte de sua luta para reconstruir positivamente sua identidade e, por isso, um tema ainda em atualidade.

“A negritude fornece nesses tempos de globalização, um dos melhores antídotos contra as duas maneiras de se perder: por segregação cercada pelo particular e por diluição no universal” (Aimé Césaire).

NOVA

MANA

CURSO NEGRITUDE E ESCRITA CARIBENHA DE AUTORIA FEMININA, COM PROVIDENCE BAMPOKY

11, 15 E 18, 23 E 25/5
18H ÀS 20H
ON-LINE

16 ANOS | GRÁTIS
INSCRIÇÕES DE 1 A 10/5
NA CENTRAL DE RELACIONAMENTO
DIGITAL OU APP CREDENCIAL SESCSP

Em termo de influência, sabemos que apesar da proximidade histórico-geográfica entre Brasil e Caribe, muito pouco se sabe a respeito das manifestações artísticas, culturais e históricas da região caribenha. A diversidade histórica e cultural do povo brasileiro e suas cores permitem que laços sejam tecidos, por meio de discussões literárias, debates e reflexões, com o objetivo de estimular pontes interculturais, que visem desmistificar e eliminar estereótipos sobre culturas alheias. Diante do exposto, este curso parte, em primeiro lugar, da leitura do poema: *Cahier d'un retour au pays natal* (Diário de um retorno ao país natal), de Aimé Césaire para discutir: 1) o seu percurso artístico e político e a sua relação com as suas origens insulares; 2) o seu papel no processo de reconstrução cultural e identitária da Martinica; 3) a teoria da Negritude, os seus dilemas e reflexo nas lutas africanas de libertação.

E, em segundo lugar, busca-se nesse curso, analisar como essas questões culturais, políticas e identitárias manifestam-se nas literaturas caribenhas contemporâneas de autoria feminina. Assim, observando o critério da diversidade, serão analisados, além do poema de Césaire, três romances de escritores provenientes de diferentes ilhas da região caribenha, a saber: *Carta a uma negra*, da martinicana Françoise Ega; *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem*, da guadalupense Maryse Condé; *A cor do amanhecer*, da haitiana Yanic Layens. Nestes romances, as autoras apontam para as múltiplas formas de opressão e violências vivenciadas pelos povos insulares das mais diferentes experiências sociais: escravidão, migração, exploração, mulher na diáspora, busca de identidade cultural, colonização, insularidade, assimilação, discriminação, entre outras.

PROVIDENCE BAMPOKY é Doutora em Teoria e História Literária no Instituto de Estudos da Linguagem, na Universidade de Campinas (IEL – UNICAMP). Foi integrante do projeto *África na Literatura* (financiado pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo).

CURSO INTRODUÇÃO À LITERATURA AFRICANA FRANCOFONA

DE 10 A 24/7, SEGUNDAS E QUARTAS,
18H ÀS 20H
PRESENCIAL

14 ANOS | GRÁTIS
INSCRIÇÕES DE 30/6 A 9/7
NA CENTRAL DE RELACIONAMENTO
DIGITAL OU APP CREDENCIAL SESC SP

Curso introdutório contexto sócio-histórico da Literatura Africana Francófona no Senegal, e apresentação de cada escritora e seus respectivos textos, previamente enviados aos participantes.

As obras escritas por mulheres são sistematicamente negligenciadas em detrimento dos grandes expoentes da literatura africana, que são – não por acaso – majoritariamente homens. A escrita das mulheres é muitas vezes mencionada de passagem, vista como menor ou menos importante. Um exemplo disso é o clássico *Littérature Nègre*, de Jacques Chevrier, um livro de crítica da literatura africana, em que nomes como Aimé Césaire, Leopold Sédar, Birago Diop, Léon Damas, entre outros, são abordados com mais profundidade que Awa Thiam e Aminata Sow Fall, cujas obras são citadas em duas ou três páginas.

Este curso apresenta a Literatura Africana Francófona, conhecer um pouco da biografia e da bibliografia dessas mulheres, frequentemente obliteradas e eclipsadas no universo acadêmico e literário, em que o cânone é predominantemente masculino.

DAYANE TEIXEIRA é formada em Letras e atua como professora e pesquisadora independente de Literatura Africana, Negro-brasileira e Indígena brasileira, ministrando palestras e cursos sobre estes temas.

CLUBE DE LEITURA

SEGUNDAS, 18H ÀS 19H30
BIBLIOTECA – 2º ANDAR

16 ANOS | GRÁTIS

Encontros para troca de impressões entre os leitores com a mediação de Mulheres Negras na Biblioteca, projeto de incentivo à leitura de obras de escritoras negras, idealizado e organizado por profissionais de Biblioteconomia e Letras, visando a inclusão dessas obras nos acervos das bibliotecas.

CARINE SOUZA é idealizadora e gestora do projeto Mulheres Negras na Biblioteca. Estuda Letras, possui formação em produção editorial e em Biblioteconomia. Presta serviços de assessoria de imprensa, revisão e preparação de textos, social media e produção cultural.

CAMILA ARAÚJO é graduada em Biblioteconomia pela USP e coordenadora de projetos no coletivo Mulheres Negras na Biblioteca, busca constantemente desenvolver atividades sobre leitura e relações étnico-raciais.

22/5

“DISCURSO SOBRE O COLONIALISMO” DE AIMÉ CÉSAIRE

Nesse ensaio, publicado originalmente em 1950, o autor discute o conceito de colonialismo, trazendo questões como a barbárie praticada pelos europeus e o genocídio das populações baseada na ideia de superioridade racial.

19/6

“EU, LAMINÁRIA”, DE AIMÉ CÉSAIRE.

Nesse livro, o último de poemas do autor, encontramos um Césaire reflexivo, observador do espaço e do tempo, "Tempo também de dar cabo de algumas fantasias e alguns fantasmas."

VÍDEO- PÍLULAS DE AIME CÉSAIRE COM JÔ FREITAS

A poeta, apresentadora, escritora e produtora Jô Freitas estará nas redes sociais do Sesc Carmo (@sesccarmo), para apresentar trechos da obra de Aimé Césaire. Quem foi esse autor e a sua importância para a literatura, serão quatro vídeos curtos que mostrarão como a obra desse pensador segue tão atual.

JÔ FREITAS já realizou diversos projetos literários fora do Brasil – Equador, Peru, Moçambique e África do Sul. Foi premiada pelo “Troféu Baobá de Literatura 2021”, “Fade to Black”, de melhor atuação 2020, e “Suburbano Convicto”, na categoria “Poeta da Periferia 2019”. Já abriu shows e palestras de artistas renomados como Mano Brown, no troféu “Raça Negra”, e Monja Cohen. É idealizadora da “Pretas Peri” e do “Sarau Lima e os novos Barretos”.

Atualmente circula com dois trabalhos “Espetáculo Litero Musical Poéticas do Bonfim” e intervenção “Camélia, onde estão os negros?”. Como trabalho permanente desenvolve vídeos com dicas de leitura e escrita no Instagram: @jofreitaspoesia.

MESAS

16 ANOS | GRÁTIS
TRADUÇÃO EM LIBRAS
INSCRIÇÕES A PARTIR DE 5/6
NA CENTRAL DE RELACIONAMENTO
DIGITAL OU NA CENTRAL DE
ATENDIMENTO DA UNIDADE

20/6, 18H ÀS 20H

AIMÉ CÉSAIRE: OS DISCURSOS E AS REVERBERAÇÕES DE SEU PENSAMENTO

COM ROBERTO BORGES (CEFET/RJ) E PETRÔNIO DOMINGUES (UFS)
MEDIÇÃO: UELITON DOS SANTOS (SESC SP)

Neste encontro serão discutidos a vida e pensamento de Césaire, além do impacto de suas reflexões no pensamento contemporâneo.

ROBERTO BORGES

Professor do Departamento de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica/RJ.

PETRÔNIO DOMINGUES

Doutor em História pela Universidade de São Paulo, professor da Universidade Federal de Sergipe e autor de *Diásporas imaginadas: Atlântico Negro* e histórias afro-brasileiras, livro em parceria com Kim Butler.

21/6, 18H ÀS 20H

O PENSAMENTO NEGRO DA AMÉRICA LATINA E CARIBE

COM DEIVISON FAUSTINO (UNIFESP) E LILIANE BRAGA (ILABANTU)
MEDIÇÃO: JAILTON NASCIMENTO (SESC SP)

Mesa sobre os movimentos e correntes de pensamento negro na América Latina e Caribe e possibilidades de aproximação com o Brasil.

DEIVISON FAUSTINO

Professor do Programa de Pós-graduação em Serviço Social e Políticas Sociais e do Núcleo Reflexos de Palmares da Universidade Federal de São Paulo e integra o Instituto Amma Psique e Negritude.

LILIANE BRAGA

Doutora em História, membro do Centro do CECAFRO-PUC/SP, do ILABANTU e candomblezeira. Seus temas de pesquisa incluem: tradições orais, performances negras, hip-hop e cinema.

26/6, 18H ÀS 20H

O CONCEITO DE NEGRITUDE E A POSSIBILIDADE DE DIÁLOGOS AFROLATINOS

COM ALLAN DA ROSA (MECILA – UNIVERSIDADE DE COLÔNIA/
ALEMANHA & CEBRAP) E KABENGUELE MUNANGA (CEA/USP)
MEDIACÃO: DANIEL RAMOS (SESC SP)

O conceito de negritude a partir de sua construção histórica e as conexões entre África, América Latina e Brasil.

ALLAN DA ROSA

Mestre e Doutor em Cultura e Educação pela USP, escritor, angoleiro e historiador. Pesquisa e atua em Imaginário, Estética e Política. Autor de "Ninhos e Revides", "Águas de Homens Pretos" e outros títulos.

KABENGUELE MUNANGA

Doutor Honoris Causa da UFRJ e da UFRB, Professor Emérito da Universidade de São Paulo. Autor de mais de 150 publicações entre livros e artigos científicos na área de Antropologia da África e da População Afro-Brasileira.

27/6, 18H ÀS 20H

A PRESENÇA DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE NEGRITUDE

COM ELIANE ALMEIDA (EACH-USP) E
ROSANE BORGES (DIVERSITAS/FFLCH-USP)
MEDIACÃO: LÍVIA LIMA (SESC SP)

A participação das mulheres no período, desde o processo no Caribe, até o conceito ser desenvolvido na França na Sorbonne, passando pelas questões de invisibilidade feminina nos processos históricos e movimento feminista negro contemporâneo.

ELIANE DE SOUZA ALMEIDA

Jornalista, doutoranda em Mudança Social e Participação Política pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Ativista Antirracista e Feminista Negra.

ROSANE BORGES

Doutora em ciências da comunicação, jornalista, professora colaboradora do COLABOR (ECA-USP) e professora convidada do Diversitas (USP), articulista da Revista Istoé, autora de diversos livros, entre eles: Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro (2004).

28/6, 18H ÀS 20H

DECOLONIALIDADE, POESIA E IDENTIDADE

COM AKINS KINTÊ (SARAU NO KINTAL) E AURITHA TABAJARA
MEDIÇÃO: GABRIELA GRAÇA FERREIRA (SESC SP)

Césaire, além de um ensaísta e político, foi um poeta bastante proeminente em seu período. Nessa mesa, será tratada a ideia de decolonialidade contemporânea e as reverberações do conceito de negritude na escrita a partir de escritores contemporâneos.

AKINS KINTÊ

Escritor e documentarista, autor de Muzimba na Humildade sem Maldade (2020), Rosas Faz 10 anos: Memórias de um Teatro Maloqueiro (2022) e outros títulos. Em 2023 assina a direção do documentário Gira Bandeira Guardiões do Carnaval.

AURITHA TABAJARA

Escritora, poeta, contadora de histórias e curandeira. Conhecida por ser a primeira cordelista indígena do Brasil, além de contar histórias ancestrais, fala sobre a importância da presença feminina indígena na literatura.

LEITURA DRAMÁTICA: A TRAGÉDIA DO REI CHRISTOPHE, COM O BONDE

DIA 7/7, 18H

DURAÇÃO: 120 MINUTOS

16 ANOS – AUTOCLASSIFICAÇÃO
GRÁTIS – RETIRADA DE INGRESSO
COM 1 HORA DE ANTECEDÊNCIA.

Os atores Ailton Barros, Filipe Celestino, Jhonny Salaberg e Marina Esteves, do grupo de teatro negro O Bonde, apresentam a leitura dramática de um trecho da peça "A tragédia do rei Christophe" de 1960, que compõe a recente publicação "Aimé Césaire, Textos escolhidos: A tragédia do rei Christophe; Discurso sobre o colonialismo; Discurso sobre a negritude", lançado pela Editora Cobogó. O autor é uma das principais referências na história da luta contra o colonialismo, ideólogo do conceito de Negritude, nos anos 1930.

Através da trajetória de pesquisa com a palavra como ferramenta de acesso, denúncia e ampliação de discussões afro-diaspóricas, o grupo analisará as noções de dominação colonial, nação pós-colonial, liderança e identidade, por meio da situação histórica do Haiti no começo do século XIX, enfatizando os esforços de resistência dos africanos escravizados na América e de seus descendentes.

**SESC – SERVIÇO SOCIAL
DO COMÉRCIO
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL
NO ESTADO DE SÃO PAULO**

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

Técnico-social

Rosana Paulo da Cunha

Comunicação Social

Aurea Vieira Leszczynski

Administração

Jackson de Andrade Matos

Assessoria Técnica e de Planejamento

Marta Raquel Colabone

Consultoria Técnica

Luiz Deoclécio Massaro Galina

GERENTES

Ação Cultural **Érika Mourão Trindade Dutra**

Estudos e Programas Sociais **Flávia Andrea**

Carvalho Estudos e Desenvolvimento **João**

Paulo Guadanucci Artes Gráficas **Rogério Ianelli**

Sesc Carmo **Doris Sathler de Souza Larizzatti**

EQUIPE SESC

André Dias, André Lerro, Camila Wanderley,
Carmen Lucia de Fatima Ferreira, Célia de
Jesus Prado de Oliveira, Débora Ramos Ribeiro,
Demétrio de Almeida Leite, Fabiano Maranhão,
Fábio de Souza Melo, Fabíola Tavares Milan,
Fernanda Mayra Caetano Sabino, Karina
Musumeci, Kelly Teixeira, Lourdes Teixeira
Benedan, Luana Barbosa Kavanji, Luis Claudio
Vieira Bento, Luiz Eduardo Benini, Marcelo
Correia de Amorim, Mariana Barbosa Meirelles
Ruocco, Maria Angélica Ramos Bachmann,
Monique Mendonça dos Santos, Sandra
Leibovici, Silvia Hirao, Thais Heinisch de
Carvalho e Silva, Tina Cassie,
Vivian Koga, Wagner Pinho

**AS ENSINAGENS NEGRAS
DE AIMÉ CÉSAIRE**

CURADORIA

Angélica Ferreira

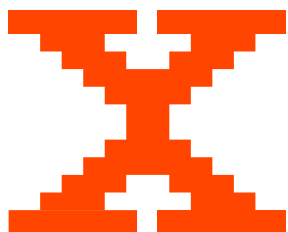
Produção Executiva **Avangi Cultural**

Identidade Visual e Design Gráfico

Dnego Justino Créditos das imagens

AFP Textos **Eliane Almeida e Kabenguele**

Munanga



Sesc Carmo

Rua do Carmo, 147 – Sé
11 3111-7000

@ @sesc Carmo

sescsp.org.br/carmo